

O HISTORIADOR E A EDUCAÇÃO NO PIAUÍ: NARRATIVA NA OBRA “SÚMULA DE HISTÓRIA DO PIAUÍ” DO HISTORIADOR PIAUIENSE ODILON NUNES

Eliza Maria Rodrigues da Silva¹
Kelciane Mendes da Silva²
Universidade Estadual do Piauí

Odilon Nunes é tido pelos historiadores piauienses como um dos precursores da historiografia do nosso estado, seus escritos produziram e continuam produzindo ecos nos trabalhos de conclusão do curso de graduação em História. Sua obra é procurada pela maioria dos estudiosos que buscam saber do passado piauiense. Desta forma torna-se de suma importância entender como se deu a escolha dos fatos que encadeados de forma racional remeteram a uma versão da História de nosso estado e que é trabalhada em sala de aula pela maioria dos professores de História. Esclarecer as bases sobre as quais a sua construção narrativa se apóia significa dar voz às influências sofridas pelo autor no momento de criação de sua trama textual e oferecer um posicionamento que esclarece porque determinado fato ganha espaço em detrimento de outro.

No processo de ensino devemos atentar para o fato de que o aluno deve ser direcionado a entender as particularidades que engloba as circunstâncias de produção de uma dada versão historiográfica e desta maneira entender que o historiador é um ser humano, situado historicamente e que, portanto sofre influências, ou seja, que:

(...) o estilo do historiador, portanto é fundamentalmente composto de padrões subjetivos de organização interna, sendo a objetividade do mesmo nada mais do que uma similar representação, em tudo condicionadas pelas circunstâncias históricas – estas sim, objetivas – em que ocorre a construção da textualidade (...) (ECO, 2002).

Manuel Domingos Neto em trabalho elaborado para a fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí - CEPRO afirma que:

Entendemos a ciência histórica como sendo a base instrumental por excelência para a compreensão aprofundada de uma determinada realidade sócio-econômica. Em outras palavras, julgamos que uma determinada realidade social, em seus aspectos estruturais e super-estruturais, na medida em que não

pode ter surgido do nada, só pode ser compreendida inteiramente inclusive com o estudo do complexo jogo de fatores que a engendraram (NETO, 1977)

Desta forma a compreensão do processo histórico faz parte de uma análise muito maior, que incorpora a produção de um dado discurso em um dado momento histórico. O autor se aproxima e muito de um artista que busca os materiais que lhe darão os melhores resultados na conclusão de sua obra. Ao encandear uma trama textual o historiador estará utilizando-se de escolhas “(..) em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios” (VEYNE, 1998)

Ao termos acesso ao texto intitulado *Odilon Nunes, o construtor da historiografia piauiense*, de Manuel Paulo Nunes surpreendemo-nos ao ler que se tratava da descrição de um discurso pronunciado na Academia Piauiense de Letras em sessão especial comemorativa do centenário de nascimento do historiador piauiense Odilon Nunes, figura, segundo o autor:

(..) emblemática de nossa historiografia, aquele que lhe forneceu o modelo de pesquisa documental e o roteiro a ser seguido pelos que se aventuraram nesse tipo de investigação de nossas fontes historiográficas, sobretudo como orientação às novas gerações de pesquisadores de nossa história (NUNES, 1999).

A curiosidade em constatar o que teria feito de tão relevante Odilon Nunes para receber tais elogios e a denominação de “construtor” de uma historiografia nos remeteu a uma pesquisa bibliográfica onde pudemos constatar que um dos méritos de seu trabalho estava na sistematização das suas obras, ou seja, na maneira como ordenava os fatos que segundo ele teriam sido mais relevantes no decorrer da História piauiense. As nossas indagações surgiam então da vontade de compreender a idéia de “construção” descrita no título e ao longo do discurso acima citado.

Visualizávamos de maneira metafórica a intercalação de tijolos e cimento dando origem a uma casa e logo em seguida esta recebendo os seus moradores, assim: pronta para abrigá-los. Passamos então a refletir as inúmeras possibilidades de construção desta casa que ao invés de tijolos e cimento poderia ter sido construída de maneira diferente,

com talos de coco e barro (como é comum em nosso estado) ou com outros materiais e que assim como a de tijolos e cimento também estaria apta para abrigar os seus aspirantes a moradores. Desta forma pudemos perceber que a maneira como se constrói algo é peculiar ao construtor deste, o que não limitará a sua funcionalidade, pelo contrário, as inúmeras formas de se construir possibilitam às pessoas interessadas em uma moradia a visualização de vários modelos que poderão ou não ser escolhidos.

Pensamos desta maneira o trabalho da criação historiográfica, percebemos que uma trama textual histórica engloba as respostas que um determinado autor faz ao seu objeto de estudo e como tal tece, *constrói*, a sua narrativa a partir daquilo que para ele é tido como importante para a fundamentação da mesma. Segundo VEYNE (1998, p.18)“(…) a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento”, assim, poderíamos associar a idéia de que a casa construída é feita sob medida para abrigar os seus moradores (no caso os sujeitos históricos) que dialogam com a mesma. Seria uma espécie de relação onde “ao invés de tomar a palavra, seríamos envolvidos por ela e levados para além de todo começo possível”. (FOUCAULT, 2003, p.5).

A partir da relação entre construtor e obra, passamos a identificar um agente que estava localizado no âmago desta construção: a sociedade. Passávamos agora a verificar quais as possibilidades de construção de determinada “casa” em determinado lugar e as suas múltiplas funcionalidades. Passaríamos a indagar sobre os intuítos que levariam à construção desta, percebendo o que Certeau nos propõe em seu livro *a Escrita da História*:

(...) o real que se inscreve no discurso historiográfico provém das determinações de um lugar. Dependência com relação a um poder estabelecido em outra parte, domínios de técnicas concernentes às estratégias sociais, jogo com símbolos e as referências que legitimam a autoridade diante do público são as relações efetivas que parecem caracterizar este lugar da escrita (...) (CERTEAU, 2002)

Entendemos essa construção diretamente relacionada com a sociedade em que ela ocorre.

Com base em nossas observações resolvemos tentar entender os mecanismos que possibilitaram o resultado de construção, desta maneira dispusemo-nos a analisar a concepção de narrativa histórica na obra *“Súmula de História*

do Piauí” de autoria de Odilon Nunes com o intuito de observar a articulação desta concepção e o resultado dela enquanto mecanismo de ordenamento interno da mesma.

Porque a obra “*Súmula de História do Piauí*”? Porque Narrativa?

Poderíamos começar a explicação afirmando que o livro escolhido não é tido como a obra prima de Odilon Nunes que é muito elogiado pelas suas *Pesquisas para a História do Piauí*, constituída por quatro volumes que perpassam a História do Piauí minuciosamente desde o que teria sido os seus primórdios e que segundo Manuel Paulo Nunes, em texto já explicitado anteriormente, seria a sua obra básica, seminal ou mesmo como acentua Erasmo Celestino em seu livro *Odilon Nunes: Historiador e Educador*: “Odilon é autor de uma obra só: as Pesquisas. Não se trata de uma interpretação reducionista (...) A produção de Odilon conflui integralmente para as Pesquisas” (CELESTINO, 1996, p. 51).

Interessa-nos, porém, encarar a obra escolhida para o desenvolvimento do presente projeto como uma síntese que nos remeterá a uma aproximação mais delimitada dos mecanismos que propusemos analisar. Preferimos então entender a “*Súmula de História do Piauí*”, à maneira do professor da Universidade Federal do Piauí, Fonseca Neto, que na apresentação da 2ª edição do livro enfatiza que apesar de ser considerado um texto-síntese, a obra tem mais de corpo e significado e que se trata de um livro substantivo que cumpriu e ainda cumpre um papel de destaque por ser um texto de qualidade. Reforçamos a escolha do livro devido à possibilidade de tornar mais específico o trabalho, afim de melhor problematizá-lo.

Escolhida a obra que nos serviria como referência caberia agora escolher quais os mecanismos nos possibilitariam um melhor entendimento acerca dos procedimentos constituintes da mesma e após muitas explanações resolvemos escolher uma concepção que é de suma importância para a compreensão de toda e qualquer trama textual: a Narrativa. Buscaríamos verificar o processo histórico na visão odiloniana “constituindo-se dessas práticas, ordenadas e estruturadas de maneiras racionais” (BEZERRA, 2003).

Já com a concepção de narrativa poderemos trazer à tona as particularidades da escrita histórica de Odilon Nunes. Nossos propósitos visam entender a construção narrativa enquanto trabalho humano, do historiador e, portanto sujeito às influências. Mostraremos que:

(...) A história é uma narrativa de eventos: [e que] todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma

narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressay das mãos do historiador, não é dos atores; é uma narração, o que permite evitar alguns falsos problemas. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página (...) (VEYNE, 1998, p.18).

Compreendendo como se deu a construção narrativa de sua obra, poderemos encontrar os mecanismos narrativos que dão alicerce a mesma, assim como estabelecer os parâmetros confiáveis acerca da sua estruturação sistemática já que observaríamos como nos propõe VEYNE (1998) que “(...) a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página (...)”.

Procuraremos estabelecer “(...) as relações entre intencionalidade histórica, ou seja, aquilo que o autor busca evidenciar e os recursos de *ficcionalização* que são as formas de conseguir garantir a ‘veracidade’ dessas evidências” (RICOEUR, 1997). Assim, através de uma análise desprendida de pretensões preconceituosas, evitando ao máximo julgamentos de valores, buscaremos compreender que:

Entre o atual e o antigo, quem pretende controlar o jogo do anacronismo deve, portanto, jogar com cautela; a maior mobilidade é requerida: é preciso saber ir e vir, e sempre se deslocar para proceder às necessárias distinções. Em outros termos, nenhuma identificação é duradouramente possível (...). (LORAUX, 1992, p.64).

O que pretendemos fazer é a utilização do anacronismo para possibilitar-nos a “dança” do vai e vem, a articulação entre “eles” e “nós”, ou seja, o diálogo entre passado e presente procurando evitar atribuir às sociedades do passado nossos próprios sentimentos ou razões. Caberia ao presente projeto o papel de um observador com “olhos de Lince”.

Utilizaremos no decorrer do nosso projeto da técnica de Análise do Discurso, mais precisamente das concepções advindas com o surgimento da Nova História Cultural. Para sermos mais sintéticos, teremos como alicerce teórico as obras de Michel Foucault já que este “(...) apresenta uma avaliação das conseqüências provocadas para a História pelas mudanças epistemológicas promovidas por essa vertente historiográfica” (RAGO, 1993), bem como também pelo seu papel funcional ao propósito deste projeto, já que assim como enfatiza PESAVENTO (2004) “(...) para Foucault não haveria

separação entre texto e contexto, e aquilo que se convencionalmente chama de real era dado por objetos discursivos, fixados historicamente pelos homens (...)", e ainda:

(...) Michel Foucault dizia supor que em toda sociedade a produção de discursos estava controlada por procedimentos de classificação, avaliação, divisão, separação e limite. Uma cultura se instalava pela partilha e atribuição de significados e o que cabia estudar era justamente o jogo de elaboração dos discursos, constitutivos daquilo que se chamaria o real (...) (PESAVENTO, 2004,p.)

Ao definir a extensão e a profundidade que pretendemos adotar no enfoque do tema estão lançadas as bases sobre as quais produziremos, ou seja, desenvolveremos o nosso Projeto de Pesquisa.

Dividiremos o Projeto em três capítulos, onde "(...) o trabalho de investigação passará a ser feito em torno dos objetivos específicos propostos, que na verdade, são problemas específicos a serem resolvidos" (SANTOS, 2000, p.63). No primeiro capítulo intitulado *O Historiador enquanto construtor: "Nada é aleatório"*, procuraremos identificar e reconhecer através de uma problematização adequada o papel do historiador enquanto construtor (como o próprio título diz), retomando a consciência do "sujeito que fala". Serviremos-nos da obra de Odilon para analisarmos o "cenário" que envolve a sua construção textual, assim como de uma fundamentação teórica que procure examinar como acontece a constituição de determinado discurso histórico. No segundo capítulo denominado *Narrativa: "Um mundo de significações e relações"*, teremos como intuito trabalhar com as concepções de narrativa para conseguir identificar relações e identificar quais delas são privilegiadas na obra *"Súmula de História do Piauí"*. No terceiro e último capítulo, *A arte de narrar a História*, buscaremos compreender e apontar os mecanismos narrativos utilizados por Odilon Nunes no decorrer da obra em estudo, assim como se deu o ordenamento interno da mesma, baseando-se na suas noções de narrativa históricas.

Com esses três capítulos intencionamos responder ao nosso objetivo geral que consiste em analisar e compreender as noções de narrativa históricas na obra *"Súmula de História do Piauí"* do autor piauiense Odilon Nunes. A resposta a tal indagação será de grande importância para o entendimento acerca da construção historiográfica piauiense, já que o autor em estudo é tido como construtor

de uma tradição historiográfica que produz seus ecos nos trabalhos de estudantes e profissionais da área. A relevância deste projeto não para por aí, com o conhecimento acerca da construção narrativa da obra odiloniana em estudo poderemos estar oferecendo aos interessados um material de auxílio enquanto ao estudo da construção narrativa de um historiador que procurou encontrar os seus alicerces nas fontes primárias situadas em arquivos, o que nos proporciona um interesse em saber como organizar, selecionar, ou seja, sistematizar um “dita” história. Além de contribuir no seio acadêmico a possibilidade de reconhecimento do trabalho de Odilon Nunes.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ALBUQUERQUE, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História**: Especialidades abordagens. São Paulo: Vozes, 2004.
- BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CELESTINO, Erasmo. **Odilon Nunes**: Historiador e Educador. Teresina: Instituto Dom Barreto, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed, 2002.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- _____. **Microfísica do Poder**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**: Conceitos e propostas, Leandro Karnal. São Paulo: Contexto, 2003. (Texto: Holien Gonçalves Bezerra).
- NETO, Manuel Domingos. **A Proeza do Mestre Odilon**. Teresina: Revista CEPRO, v.10, n.1, p.61-67, julho/dezembro, 1984.
- NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria municipal da Cultura, 1992.
- NUNES, Odilon. **Súmula de História do Piauí**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2ª ed.2001.
- _____. **Pesquisas para a História do Piauí** – vol. I. Imprensa Oficial do Estado do Piauí, 1996.

- NUNES, Manoel Paulo Nunes. **Odilon Nunes, o construtor da historiografia piauiense**. In. Revista da Academia Piauiense de Letras.n.57, Teresina,1999, p. 97-120.
- PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ªed. 2004.
- POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.2, p. 3-15, 1989.
- RAGO, Margareth. **Foucault um pensamento desconcertante: o efeito Foucault na historiografia brasileira**, 1993.
- REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e tempo histórico**. Rio de Janeiro: Ática, 1995.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo III; tradução Roberto Leal Ferreira; revisão técnica Maria da Penha Vilela - Petit. Campinas, Sp: Papirus, 1997.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SCHOPENHAUER, Artur. **Sobre Livros e Leituras**. Editora Paraula, 1994(p.21).

Revistas

CARTA CEPRO – Publicação quadrimestral da FUNDAÇÃO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ- Órgão de pesquisa e assessoria e planejamento estadual, volume 4, nº 3/dez. 1997.

CARTA CEPRO – Publicação quadrimestral da FUNDAÇÃO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ- Órgão de pesquisa e assessoria e planejamento estadual, volume 10, nº 1, /dez. 1984.

NOTAS

¹ e-mail: semdinheiriliza@yahoo.com.br

² e-mail:kelciane_mendes@yahoo.com.br